

Autor Fonseca, CarlosAssunto "Cabeças cortadas"-CríticaFonte JBrasilData 20 / 6 / 79

QUANDO A CÂMARA VIRA GENTE

Carlos Fonseca

SÃO poucos os realizadores de filmes que podem, na história do cinema, equiparar-se a Glauber Rocha em termos de adjetivos recebidos a cada filme feito. Lúdico, barroco, telúrico, anárquico, louco, lúcido, puro, surrealista, genial, decadente, discursivo, poético, rude, fantástico, e assim iríamos preenchendo linhas e linhas quando mais fácil seria recomendar ao leitor: "Veja o dicionário". Isto já acontecia em 1967 com *Deus e o Diabo na Terra do Sol* quando todos os meios de comunicação no Brasil despejaram em cima do então jovem diretor baiano uma verdadeira enxurrada de elogios, entre os quais "obra-prima" e "genial" eram lugar-comum. Agora, quando está em exibição seu sétimo filme de longa metragem, realizado na Espanha, a história se repete. Tanto aqui no JORNAL DO BRASIL (vide entrevista/reportagem no Caderno B do último dia 8, e crítica no Serviço do dia 15) como em qualquer veículo de imprensa no país, são fartos e generosos os adjetivos para classificar *Cabeças* (ou *Cabezas*) *Cortadas*.

Primeiro vamos situar Glauber, que voltou ao Brasil após longo e voluntário exílio na Europa onde falou um pouco e fez alguns filmes. Entre estes, *Cabezas* e *O Leão de Sete Cabeças* (filmado na África, com capital espanhol, se não nos enganamos), ambos em 1970; quatro anos depois uma *História do Brasil* encomendada pela TV italiana e ainda inédita; em 1975, *Claro*, na França. Neste meio tempo filmes seus como *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* eram vistos por muitas personalidades do cinema internacional e Glauber recebeu elogios de Kazan, de Buñuel. Seus filmes europeus, lá não despertaram muita atenção e Glauber voltou para o Brasil. De saída, teve dinheiro da Embrafilme para realizar o curto *Di Cavalcanti* premiado em seguida por Rossellini em Cannes/78 e que alguns gostam, nós não, por considerá-lo ruim como cinema e não concordar com seu enfoque.

Foi quando o baiano lançou mas não pegou uma tal de montagem celular ou molecular. Em seguida, teve apoio oficial suficiente (recursos financeiros) para filmar *Idade da Pedra*, velho projeto que ficou tão longo que há um ano não consegue se montado. *Idade* é ambicioso e causou muito tumulto durante suas filmagens em Salvador e em Brasília. Glauber também está participando de um programa de TV. Enquanto isto, *Cabeça* foi liberado pela Censura e é lançado. Prepara-se a vinda do *Leão* e de *Claro*. Glauber bota a boca no mundo. Os jornais correm e imprimem suas declarações. Diz que ninguém o quer. Que ninguém o ajuda. E assim por diante. Não vamos nos alongar mais neste preâmbulo porque todos sabem de tudo sobre Glauber Rocha e o que nos interessa é o filme.

Para nós, *Cabeças Cortadas* é o seu melhor



*Pierre Clementi,
pastor ou profeta,
em Cabeças Cortadas*

filme. O mais enxuto. O que conta melhor uma história com princípio, meio, fim. Glauber quis e disse que o tempo das ditaduras acabou. Que o povo já não é tão burro ou servil. Que a salvação chegou. Podendo ser deslocado em tempo e em espaço para qualquer lugar do mundo e para qualquer época é tão atual como se fosse feito no final deste século. Sua estrutura dramática tem como ponto de partida o *Macbeth*, de Shakespeare, e são muitos os momentos do filme que possuem conteúdos e até repetição de diálogo e cenas do maior dramaturgo de todos os tempos. Com habilidade e perspicácia, Glauber absorve Shakespeare, nele mescla questões latino-americanas e se serve ainda de todos os elementos comuns a uma obra artística: pintura, música, sons, atores, fotografia. Sua câmara em *Cabeças* é utilizada com tanta arte que mais parece gente — nos sentimos vendo sua imagens como se estivessemos no lugar da objetiva, substituindo-a, literalmente. Cada imagem diz muito e claramente. Soltos, os atores, em especial Francisco Rabal (o ditador) e Pierre Clementi (pastor ou profeta — sentimos os dois em seu personagem), nos oferecem desempenhos que emocionam. Mas é com a música que Glauber dá, em nossa opinião, o seu melhor show em *Cabeças Cortadas*. Retirada do folclore e do popularesco espanhol, do bolero, do tango, do clássico, a trilha sonora é enriquecida ainda com ruídos, como os de um avião a jato, por exemplo. É tão rica e estimulante que sublinha os fatos e as emoções em perfeita sintonia com a imagem. A longa cena do lava-pés do ditador, para nós a melhor do filme, é, compassada, monótona pausada e extraordinariamente crivada por um fundo musical de um conjunto catalão (também focalizado na cena) que repete pelo menos umas 10 vezes a mesma impressionante cantoria, sem chatear ou cansar. Como Kubrick fechou o seu *Laranja Mecânica* com *Singing in the Rain*, Glauber fecha *Cabeças Cortadas* com *Rancho Grande* — ambos, com estas clássicas músicas, populares e bonitas, desincucando quem quer se tenha incucado com seus filmes.